

A educatio de crianças e adolescentes no De uniuersa mulierum medicina de Rodrigo de Castro

The *educatio* of children and adolescents in Rodrigo de Castro's *De uniuersa mulierum medicina*

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA¹ (*Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC-UA),
Universidade de Aveiro — Portugal*)

Abstract: The discussion around the nutrition and physical, intellectual and moral education of children and adolescents has been pervasive throughout Antiquity, the Middle Ages and the Renaissance. Often tackled by authors of medical treatises and encyclopedias, the *educatio* of children and youngsters has triggered the interest of the Portuguese physician Rodrigo de Castro (c.1546-1627/29?) who dealt with it in the final section of the First Part of his treatise *De uniuersa mulierum medicina*. Drawing on the comparison between this text and the medical writings that preceded it, we will seek to outline the educational routine prescribed for children and adolescents in the course of the twenty centuries separating Mnesitheus of Athens (4th century B.C.) and Castro, as well as reflect on how the Portuguese author has incorporated elements drawn from ancient and medieval traditions in his own work.

Keywords: Rodrigo de Castro; *De uniuersa mulierum*; *educatio*.

As crianças desde sempre precisaram de cuidados especiais. Não obstante, os primeiros textos médicos dedicados à identificação, classificação e tratamento de doenças infantis (frequentemente intitulados *De morbis puerorum*) surgiram apenas no início do século XVI. Ao longo dos séculos seguintes, os mais novos viriam a ser perspetivados como merecedores de cuidados terapêuticos específicos, e o número de médicos dedicados a esse setor da população cresceria. Contudo, somente em meados do século XIX a comunidade médica e a sociedade em geral passariam a perspetivar a pediatria como uma especialidade da medicina².

Texto recebido em 21.02.2021 e aceite para publicação em 26.03.2021. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto “*Gynecia*: Rodrigo de Castro Lusitano e a tradição médica antiga sobre ginecologia e embriologia (PTDC/FER-HFC/31187/2017)”, assim como da celebração do contrato-programa previsto nos números 4, 5 e 6 do art.º 23.º do D.L. n.º 57/2016, de 29 de agosto, alterado pela Lei n.º 57/2017, de 19 de julho.

¹ emilia.oliveira@ua.pt.

² PANCINO (2017) §§ 34; 75; GARRISON (1965) 2.

Durante muito tempo, a infância foi vista como um período crítico da vida humana, marcado pela doença e por elevadas taxas de mortalidade. Em parte por essa razão, não gozava de grande consideração social³. O objeto do estudo médico e das intervenções terapêuticas na Idade Moderna era o adulto do sexo masculino. O estudo das doenças das mulheres era visto como uma derivação daquele, mas o das enfermidades infantis não fazia parte dessa esfera⁴. A natural *infirmas* das crianças e a sua incapacidade de expressarem verbalmente o que sentiam ou de explicarem o que lhes causava desconforto (por isso lhes chamavam *infantes*), aliadas quer à noção de que os tratamentos a aplicar teriam de ser diferentes dos destinados aos adultos quer ao desconhecimento dos próprios médicos, poderão explicar a atitude de certo modo indiferente destes profissionais para com as crianças⁵.

Os estreitos laços entre a mãe e a criança contribuíram para que a ginecologia e a obstetrícia permanecessem, durante muito tempo, indissociáveis daquilo que hoje conhecemos por pediatria⁶, não sendo, por isso, de estranhar que obras dedicadas às doenças das mulheres (incluindo as associadas ao parto), como o tratado *De uniuersa mulierum medicina* de Rodrigo de Castro⁷, incluíssem observações e conselhos de puericultura. Escritos por médicos para médicos ou estudantes de medicina, esses textos alusivos aos primeiros cuidados a prestar às crianças, que muito provavelmente não tinham uma relação direta com a prática médica, respondiam a interrogações de parteiras (*obstetrices*) e inquietações de outras mulheres que, não exercendo a arte curativa, tratavam e cuidavam de crianças. Consistiam, muitas vezes, numa mescla de observações médicas e de conselhos sobre higiene infantil, mas tam-

³ PANCINO (2017) § 36.

⁴ Cf. *Idem, ibidem*, § 51; *idem* (2013) 581-588.

⁵ PANCINO (2017) § 3 chega mesmo a referir-se a esta indiferença como desdém.

⁶ *Ibidem*, § 74.

⁷ Este tratado sobre a natureza, as condições e as doenças das mulheres foi dado à estampa pela primeira vez em 1603, nas cidades de Hamburgo e Colónia, tendo conhecido várias reedições ao longo do século XVII. Compõem-no duas partes: a primeira incide sobre a anatomia, a fisiologia dos órgãos sexuais da mulher e a concepção; a segunda versa sobre as principais doenças femininas, incluindo as associadas ao parto. Para mais informações sobre o tratado médico, leia-se o estudo de PINHEIRO (2017). Sobre o autor e a obra, em particular o tratado *Medicus-Politicus* (Hamburgo, 1614), vide ARRIZABALAGA (2009).

bém de sugestões pedagógicas e, por vezes, de ordem moral aplicáveis quer a crianças de tenra idade quer a adolescentes.

Foi neste contexto que Rodrigo de Castro, depois de discutir as vantagens do aleitamento materno e os critérios pelos quais se deveria pautar a escolha de uma ama de leite caso a própria mãe não pudesse ou não quisesse amamentar⁸, decidiu fornecer um conjunto de indicações sobre o momento e o modo como se deveria processar a transição de uma alimentação exclusivamente baseada no leite da *nutrix*⁹ para o consumo de alimentos sólidos¹⁰.

Apoiado na autoridade do médico grego Paulo Egineta¹¹, Castro começou por referir que o aleitamento (pela mãe ou pela ama) deveria, idealmente, prolongar-se até aos dois anos de vida. Contudo, a partir do momento em que a amamentação exclusiva deixasse de satisfazer plenamente as necessidades do infante, a cuidadora poderia, e deveria, paulatinamente, introduzir na sua alimentação outro tipo de alimentos:

Caeterum Pauli decreto lacte pueruli ad biennium usque nutrirī debent, quod si id abunde non supererit ad nutritionem et incrementum, pulcicula exhibeatur, ex tenuissima panis rasura, cum butyro et sacharo, aut etiam cum oleo et melle, cum puluere sesami aut anisi¹².

De resto, segundo Paulo [Egineta], as crianças pequenas devem ser alimentadas com leite até aos dois anos¹³, mas, se tal não for bastante para a [sua] nutrição e cresci-

⁸ *De uniuersa* 1.4.12-13, 219-226. Para mais informação sobre este assunto, leia-se OLIVEIRA (2020). Sobre a importância do leite e da amamentação na Antiguidade, vide PINHEIRO (2009).

⁹ O termo *nutrix*, ‘ama de leite’, etimologicamente relacionado com o verbo *nutrire*, ‘alimentar’, refere-se tanto à mãe biológica quanto à ama contratada para amamentar o filho de outra mulher (DANSEN (2010) 700).

¹⁰ Este tópico será retomado, embora em termos ligeiramente diferentes, na segunda parte da obra (cf. 2.4.29, 537-538: *Quam diu lactandus puer, et qua ratio paranda pulcicula*).

¹¹ Natural de Egina, viveu no século VII. Ficou associado à medicina bizantina e foi autor do resumo das obras de Oribásio (*De re medica libri septem*).

¹² *De uniuersa* 1.4.13, 225. Para o estabelecimento do texto latino de Castro, adotámos os critérios estabelecidos no âmbito do projeto de investigação “*Gynecia*: Rodrigo de Castro Lusitano e a tradição médica antiga sobre ginecologia e embriologia (PTDC/FER-HFC/31187/2017)”. Assim, seguimos a segunda edição do tratado (Hamburgo, 1617), introduzindo apenas alterações mínimas no que à grafia e à pontuação diz respeito.

¹³ *De re medica* 1.5, 7.

mento, deve oferecer-se uma papa de finíssima raladura de pão, com manteiga e açúcar, ou então com azeite e mel, com polvilhos de sésamo ou erva-doce¹⁴.

A ideia de que a criança, durante os primeiros meses de vida, deveria ser alimentada em exclusivo com o leite da *nutrix* não era original. Na verdade, antes mesmo de Paulo Egineta e Rodrigo de Castro, vários outros médicos a haviam veiculado nas suas obras. Veja-se o caso de Sorano de Éfeso¹⁵, que considerava que a criança deveria ser alimentada desse modo até que o seu corpo alcançasse a firmeza e a necessária preparação para processar alimentos sólidos (o que não deveria acontecer antes dos seis meses)¹⁶. Rufo de Éfeso¹⁷, por palavras não muito diferentes, recomendava a amamentação em exclusivo até que o lactente desse sinal de querer e ser capaz de digerir outros alimentos¹⁸. Já Galeno (sécs. II-III) defendia que o aleitamento se deveria prolongar até ao apa-

¹⁴ Na segunda parte do tratado (*De uniuersa* 2.4.3.29, 537), Castro voltaria a defender que a amamentação deveria ser prolongada, pelo menos, até aos dois anos. A necessidade de um reforço alimentício ditaria a introdução de uma papa com qualidades equivalente às do leite, isto é, que fosse de fácil digestão e absorção. Poderia ser preparada com farinha de cereais, mas, preferencialmente, com miolo de pão, água, azeite ou manteiga, polvilhos de erva doce e açúcar ou mel, dependendo da estação do ano, como era, aliás, usual em toda a Hispânia: *Lacte uescuntur infantes octodecim mensibus, alii uiginti, communiter autem abunde fuerit biennio lacte nutrir...* *Caeterum interim dum lactatur, pulticula concinnetur, quae uiribus et consistentia lacti non sit dissimilis, nec coctu aut distributione difficilis...* *probatur tamen magis quae conficitur ex medulla albissimi panis tyrocneste probe scofinati, ac deinde aqua cocti superaddito oleo uel butyro, puluisculo anisi, et saccharo in aestate, melle in hyeme, quae coquitur ad aquae consumptionem. Sufficenter autem cocta esse, cognoscitur, cum oleum uel butyrum supernatare uidetur, atque haec per Hispaniam tota est in usus.* Diferente era a papa preparada pelas mulheres do norte da Europa, à base de cerveja levemente fervida com pedaços de pão, manteiga e açúcar. Esta *warm bier*, como lhe chamavam, era, segundo Castro, bastante mais nutritiva: *Septentrionales ceruissa utuntur, quae leuiter bullierit cum pannis frustulis, butyro et saccharo, uocant (Warm Bier) qua sane pulticula pueri bene nutriuntur, obesi euadunt et rubicundi (ibidem, 537-538)*

¹⁵ Considerado o fundador da ginecologia científica, é autor do tratado sobre as doenças das mulheres, *Gynaecia* (séc. II).

¹⁶ 2.17.

¹⁷ Considerado um dos melhores anatomistas anteriores a Galeno, viveu em Alexandria e Éfeso entre os séculos I e II, tendo escrito perto de uma centena de trabalhos sobre dietética, patologia, anatomia e semiologia.

¹⁸ *Apud Orib. Inc. 20 (DAR. 3, 157-158).*

recimento dos primeiros dentes¹⁹. Quatro séculos volvidos, Aécio de Amida²⁰, haveria de repetir Sorano e Rufo: o infante deveria ser amamentado até ser capaz de firmar os membros²¹. Avicena²², por sua vez, numa espécie de conciliação das diferentes opiniões, admitiria, mais tarde, que a cuidadora poderia começar a oferecer outros alimentos que não o leite a partir do momento em que a criança o reclamasse, mas, sobretudo, assim que surgissem os incisivos²³.

O nascimento dos primeiros dentes era, por conseguinte, perspectivado por vários autores médicos como decisivo para a inclusão de alimentos mais consistentes na dieta da criança. Segundo o próprio Rodrigo de Castro, era um sinal claro dado pela mãe natureza de que o corpo exigia alimentos de consistência superior à do leite e da própria papa:

*Tamdiu uero lactentur, quamdiu dentibus nondum instructi sunt; quorum praesentia solidius quoddam lacte et pulicula alimentum natura uidetur exposcere*²⁴.

*Na verdade, devem ser amamentadas enquanto não lhes tiverem nascido os dentes; na presença destes, a natureza parece reclamar um alimento mais sólido do que o leite e a papa*²⁵.

Neste processo de transição para uma alimentação sólida, havia, contudo, que respeitar o ritmo de crescimento do infante. Numa fase inicial, em que a sua capacidade de mastigar era ainda nula ou muito reduzida, os alimentos teriam ser oferecidos na forma de papa ou sopa, por serem mais fáceis de digerir. Afirmava, a propósito, Rodrigo de Castro:

¹⁹ *Apud Orib. Inc.* 17 (DAR. 3, 137-138).

²⁰ Médico da corte de Bizâncio, compilador do que de mais importante havia na medicina dos antigos. Viveu no século VI.

²¹ *Libri sexdecim* 4.29, 140. A amamentação nos primeiros meses de vida da criança foi acerrimamente defendida não apenas por autores médicos. O biógrafo Plutarco, por exemplo, refletiu sobre os benefícios do aleitamento materno no tratado *Da Educação das Crianças* (cf. *De lib. educ.* 5).

²² Médico e filósofo muçulmano que viveu entre os séculos X e XI, autor do *Canon medicinae*, obra que se tornaria conhecida através da tradução latina de Gerardo de Cremona (séc. XII).

²³ *Canon medicinae* 1, fen 3, doct. 1, dict. 3, cap. 2, 166.

²⁴ *De uniuersa*, loc. cit.

²⁵ Cf. *De uniuersa* 2.4.3.29, 537: *inde ad cibos solidiores transgredi, tunc enim fere omnes dentibus instructi sunt, ac uidetur natura solidius alimentum expetere, ideoque tunc temporis cibo communiter delectantur infantes, oblatoque uescuntur auidius*.

Ante hoc tempus nutriendi haud sunt solidiori alimento, offis, aut intritis, quia inde ob exiguum adhuc concoquendi facultatem et imperfectam masticationem multi a cruditate morbi contrahuntur, exstinguitur enim calor a multis cibis. Cum his tamen septentrionales foeminae tamdiu lactare non solent, et pulticulam citius infantibus exhibent²⁶.

Antes dessa etapa, não devem ser nutridas com alimentos mais sólidos do que papas ou sopas, porque, em virtude da ainda reduzida capacidade de digestão e da imperfeita mastigação, contraem-se muitas doenças por indigestão; é que se perde o calor de muitos alimentos²⁷. Apesar disso, muitas mulheres setentrionais não costumam amamentar durante tanto tempo, oferecendo mais cedo papa aos infantes.

Por conseguinte, o momento de introduzir alimentos mais consistentes no regime da criança dependia também dos costumes e da vontade das lactantes. Na segunda parte do tratado, não obstante reiterar a ideia de que o aleitamento exclusivo seria vantajoso enquanto o leite da *nutrix* fosse abundante, Castro reconheceria a existência de usos diferentes no que ao momento de introduzir outros alimentos diz respeito. Segundo o médico, muitas mulheres não admitiam a introdução da papa antes de a criança ter completado três meses, enquanto outras decidiam oferecê-la, do mesmo modo que outros alimentos ainda mais consistentes, a partir dos seis meses. Ao que parece, as mulheres do norte da Europa tendiam a fazê-lo mais cedo do que outras cuidadoras. Aduzindo o exemplo das mulheres Belgas, o autor luso refere que tinham por hábito amamentar somente durante o primeiro ano, muitas, durante os primeiros nove meses²⁸.

²⁶ *De uniursa*, loc. cit..

²⁷ Nesta época, a digestão era vista como um processo de cozedura (cocção) dos alimentos, enquanto o estômago era perspectivado como uma panela natural. Se este não fosse capaz de processar os alimentos ingeridos, perder-se-ia muito do seu calor (vide GENTILCORE (2016) 39; cf. FLANDRIN (1996) 494-495). Segundo Castro, cada criança tinha o seu próprio ritmo, e havia que respeitá-lo. Não bastava o aparecimento dos dentes; também o estômago teria de estar suficientemente preparado para receber e processar alimentos mais sólidos. Cf. *De uniursa* 2.4.3.29, 537: *Exertorum igitur dentium terminus, oblationis initium esto, qui tamen omnibus idem non est, nam aliis tardius, aliis temporius exeruntur, non in alium finem nisi ad mandendum, antea uero si solidiori utantur infantes alimento, multis a cruditatibus morbis fiunt obnoxii, quia infirmus eorum adhuc uentriculus debita caret ciborum praeparatione, quae in ore fit, qua nec uiri citra noxam carere possunt.*

²⁸ *De uniursa* 2.4.3.29, 538: *Quam diu uero lac nutrici abundat, utilius fuerit eo solo infantem nutrire, imo multi uisuntur, qui lacte contenti pulticulam respuunt nec ante trimestre*

A recomendação de que os alimentos dados à criança nesta fase intermédia da alimentação fossem de consistência semissólida também já havia sido defendida por autores anteriores a Rodrigo de Castro. Divergiam, essencialmente, no tipo de alimentos e no modo como estes poderiam ser apresentados. Mnesiteu de Atenas²⁹, por exemplo, sugerira que a criança, após o seu primeiro ano de vida, ao invés de comer alimentos previamente mastigados pela sua cuidadora, ingerisse flor de farinha fervida, farinha de trigo tremês, ou milho-painço moído, todos bem cozidos³⁰.

Sorano, por sua vez, considerava que, a partir dos seis meses, assim que a criança alcançasse a necessária firmeza dos membros, além do leite, seria apropriada uma alimentação à base de cereais: pedacinhos de pão amolecidos em hidromel ou leite, em vinho doce ou temperado com mel; mais tarde, sopa de sêmola, puré de cereal muito líquido e um ovo que pudesse ser sorvido. No caso de a criança ter sede após a refeição, poderia beber água pura ou misturada com um pouco de vinho, por meio de uma tetina artificial, para não se engasgar. De tempos a tempos, poder-se-ia dar-lhe um bocado de pão amolecido em vinho diluído; oferecer pedaços de pão previamente mastigados seria perigoso, em virtude de estarem impregnados de fleuma³¹. Também se deveria evitar dar a comer pão de papoila, pão de sésamo e, em geral, qualquer pão com especiarias, por serem indigestos, mesmo para os adultos³².

admittunt. Et e converso alii, qui post semestre non pultibus solum, sed solidioribus etiam cibis uescuntur; imo Belgae mulieres communiter per annum dumtaxat lactant infantes, plures etiam per nouem menses. Como bem observa LEMOS (1909) 225; 230-233, as numerosas alusões aos costumes e às doenças das mulheres Belgas que, como esta, encontramos nas obras de Castro documentam a atividade profissional do médico português em Antuérpia, anteriormente à sua mudança para Hamburgo.

²⁹ Médico, provavelmente, do século IV a.C., mencionado por Galeno, Ateneu, Rufo de Éfeso, Sorano de Éfeso e Oribásio de Pérgamo, entre outros.

³⁰ *Apud Orib. Inc.* 19 (DAR. 3, 153).

³¹ Entendemos aqui por fleuma a saliva usada na mastigação do pão. De acordo com a teoria humoral desenvolvida pela Escola de Cós, a fleuma era um dos quatro humores produzidos pelo corpo humano. A prevalência ou excesso deste humor viscoso ou mucoso sobre os restantes (sangue, bílis amarela e bílis negra) perturbaria o desejável equilíbrio somático e estaria na origem do temperamento fleumático. Os indivíduos de complexão ou temperamento fleumático caracterizavam-se por uma certa apatia ou letargia.

³² 2.17.

Rufo era da opinião de que as crianças, a partir do momento em que dessem sinais de estarem preparadas para digerir plenamente outros alimentos, deveriam ingerir, como complemento do leite, pão embebido em vinho diluído. De evitar, a carne, por ser alimento de difícil digestão, a não ser que houvesse necessidade de maior nutrimento. Nesse caso, sugeria o autor que fosse dada carne (de fibra longa) de frango ou de porco jovem, porque o suco que as crianças dela conseguiam extrair lhes era apazível. O mesmo autor desaconselhava, no entanto, os purés ou as papas, em virtude de os alimentos espessos não serem apropriados; de mais a mais, a sua natureza favorecia a produção de fleuma, já que eram viscosos, mucosos e húmidos³³.

Galeno, que defendia a preparação do infante para a ingestão de alimentos mais consistentes a partir do momento em que lhe nascessem os incisivos, considerava benéfico, ao contrário de Mnesiteu, que a cuidadora os mastigasse previamente; primeiro, um pouco de pão, mais tarde, grãos de leguminosas, carne ou algo parecido³⁴.

Já Aécio, do mesmo modo que Sorano, uma vez atingida a plena robustez dos membros, sugeria que fossem oferecidos à criança pedacinhos de pão embebidos em água ou em vinho temperado com mel, vinho doce ou leite; depois, para evitar a acumulação de saliva na boca do infante (que ainda não tinha a faculdade de mastigar os alimentos), que lhe fossem dados ovos que pudessem ser sorvidos; como bebida, vinho diluído³⁵.

Quanto a Avicena, advertia para a conveniência de não se oferecer à criança alimentos demasiado duros no início da transição do leite para os sólidos. Ao invés de Sorano, advogava que a *nutrix* deveria dar à criança pão previamente mastigado, depois, amolecido em hidromel, ou em vinho diluído em água, ou em leite. Para beber, um pouco de água³⁶.

Ultrapassada a exigente fase do desmame, as crianças deveriam ser estimuladas a ingerirem alimentos mais inteiros³⁷, mas também a tornarem-se fisi-

³³ *Apud Orib. Inc.* 20 (DAR. 3, 157-158).

³⁴ *Apud Orib. Inc.* 17 (DAR. 3, 137-138).

³⁵ *Libri sexdecim* 4.29, 140.

³⁶ *Canon medicinae* 1, fen 3, doct. 1, dict. 3, cap. 2, 166.

³⁷ A mudança definitiva de regime dependeria da própria criança, do seu apetite por outros alimentos que não o leite. Segundo Rodrigo de Castro, mesmo que tivesse atin-

camente mais independentes. Para que tal acontecesse, defendia Rodrigo de Castro, era conveniente que lhes fosse permitido brincarem e jogarem, já que as atividades lúdicas muito contribuiriam para a sua robustez física:

*Caeterum ubi iam ablactati infantes fuerint, sensim ad pleniora cibaria traduci debent, tuncque liberiori modo uiuere sinendi sunt, et suo ingenio, hilaritate, relaxato animi fraeno, exercitia ludicra et lusus illis permittendus. Nam animorum securitas, relaxatioque haud parum ad uegetam corporis educationem momenti affert*³⁸.

De resto, depois de os infantes já terem sido desmamados, gradualmente, devem ser levados a consumir alimentos mais inteiros, e, nessa altura, deve-lhes ser permitido viverem de um modo mais independente; além disso, pela sua destreza, alegria e liberdade de espírito, devem ser-lhes permitidas atividades recreativas e jogos. Com efeito, a despreocupação e a liberdade de espírito contribuem sempre para uma revigorante alimentação do corpo.

A crer no testemunho de outros autores médicos, o desmame deveria ocorrer no decurso do segundo ano de vida e, inevitavelmente, daria origem a novos hábitos. De acordo com Sorano, assim que a criança se revelasse plenamente capaz de absorver alimentos à base de cereais e o desenvolvimento da sua dentição assegurasse o corte e a mastigação de sólidos (o que aconteceria entre o terceiro e o quarto semestres), a cuidadora, de modo suave e gradual, deveria afastá-la do peito, adicionando à sua alimentação, em substituição do leite, outros alimentos. A época do ano mais propícia a esta mudança era, segundo o iátrico grego, a primavera, pelo facto de o clima ser mais ameno; no outono, o desmame não era aconselhável, pois o corpo, por conta da instabilidade climatérica, estaria então mais propenso ao desenvolvimento de doenças³⁹.

Rufo de Éfeso, por sua vez, afirmava ser suficiente amamentar durante os primeiros dois anos de vida da criança, para, depois, lhe serem dados a comer alimentos mais sólidos. Para este autor, idealmente, a mudança deveria

gido os dois anos, mesmo que já lhe tivessem nascido os dentes, o lactente apenas deveria deixar de mamar se sentisse vontade de comer alimentos sólidos, caso contrário, estes não seriam benéficos para o seu desenvolvimento: *Itaque biennio transacto, dentibus proruptis, et puero appetente, solidiori cibo incipiat uesci, sine quo appetitu, etiamsi dentes et anni adsint, ablactandus non erit, nam quae citra appetitum ingeruntur, ne uiris quidem proficua sunt. Subinde si imbecillus sit, et tenera ac debili uoletudine, ablactari non debet* (*De uniuersa* 2.4.3.29, 537).

³⁸ *De uniuersa*, loc. cit.

³⁹ 2.17.

ocorrer no equinócio de outono ou no poente das Plêiades, já que a essa estação sucederia o inverno, durante o qual a digestão era considerada mais vigorosa⁴⁰.

A preocupação com a digestão era partilhada por Ateneu de Atalia⁴¹. Este considerava que, na sequência do desmame, deveriam ser dados à criança alimentos muito ligeiros e em quantidade moderada, porque os cuidados que nessa fase a empanturrassem de comida e experimentassem oferecer alimentos fortemente nutritivos comprometeriam o seu desenvolvimento, em virtude da sua frágil natureza. Indigestões e diarreias frequentes, advertia, provocariam inflamações e doenças graves nos intestinos⁴².

Mais conciso, Aécio admitia que a criança, por volta dos vinte meses, já seria capaz de ingerir alimentos mais sólidos, razão pela qual seria conveniente, a partir de então, suave e paulatinamente, proceder ao seu desmame⁴³.

Também para Avicena, o desquite do leite deveria ocorrer com suavidade, e os alimentos oferecidos teriam de ser fáceis de deglutir e digerir, sobretudo as carnes⁴⁴.

Esta mudança de alimentação, de acordo com Rodrigo de Castro, deveria ser acompanhada de uma evolução no estilo de vida da criança. Era desejável que a menor dependência física em relação à sua cuidadora favorecesse a exercitação do corpo, através do seu envolvimento em pequenos e divertidos jogos e brincadeiras. A apologia de atividades lúdicas durante a puerícia não era, contudo, original. Muito antes de Rodrigo de Castro, Ateneu de Atalia havia chamado a atenção para a necessidade de se permitir às crianças desquitadas do leite da *nutrix* viverem e brincarem livremente, de as habituar ao relaxamento da mente e a exercícios que incluíssem pequenas e divertidas brincadeiras⁴⁵.

⁴⁰ *Apud Orib. Inc.* 20 (DAR. 3, 160).

⁴¹ Natural da Cilícia, este médico viveu no século I e é considerado fundador da Escola Pneumática. Terá composto uma extensa obra, mas apenas nos chegaram fragmentos conservados por Oribásio.

⁴² *Apud Orib. Inc.* 21 (DAR. 3, 161-162).

⁴³ *Libri sexdecim* 4.29, 140.

⁴⁴ *Canon medicinae* 1, fen 3, doct. 1, dict. 3, cap. 2, 166.

⁴⁵ *Apud Orib. Inc.* 21 (DAR. 3, 161).

Galeno também preconizara a prática de exercício, embora moderado, com o argumento de que a exercitação física excessiva endurecia as carnes, comprometendo, desse modo, o normal crescimento das crianças⁴⁶.

Séculos volvidos, Aécio⁴⁷ e Egineta⁴⁸ recomendariam que fossem proporcionados aos *ablacti infantes* momentos de descontração e diversão, assim como de atividade física moderada e devidamente acompanhada da ingestão de alimentos ligeiros, ou seja, facilmente digeríveis.

Não menos importante do que a exercitação do corpo era a exercitação da mente. De acordo com Rodrigo de Castro, o contacto com as primeiras letras deveria ocorrer entre os seis e os sete anos de idade, pela mão de pedagogos experientes:

*Verum simul atque sextum septimumue annum attigerint, mitioribus magistris tradantur*⁴⁹.

Na verdade, logo que atinjam os seis ou sete anos de idade, devem ser confiados a mestres mais maduros.

É interessante verificar que, uma vez mais, o iátrico luso seguiu a tradição. Com efeito, autores como Ateneu de Atalia⁵⁰, Aécio⁵¹, Egineta⁵² ou Avicena⁵³ sugeriram que os meninos e meninas fossem entregues, a partir daquela idade, a mestres de leitura brandos e humanos. De acordo Ateneu, os pedagogos capazes de cativar o interesse das crianças, que ensinavam com recurso à persuasão e à exortação e que as elogiavam com frequência eram mais bem-sucedidos; o seu ensino fazia-as sentirem-se mais alegres e descontraídas, e o relaxamento e a alegria da mente seriam fatores essenciais para a boa nutrição do corpo⁵⁴. A prática de atividades lúdicas e recreativas era fundamental para

⁴⁶ *Apud Orib. Inc.* 17 (DAR. 3, 140).

⁴⁷ *Libri sexdecim* 4.30, 140.

⁴⁸ *De re medica* 1.14, 9.

⁴⁹ *De uniuersa*, loc. cit.

⁵⁰ *Apud Orib. Inc.* 21 (DAR. 3, 162).

⁵¹ *Libri sexdecim* 4.30, 141.

⁵² *De re medica* 1.14, 9.

⁵³ *Canon medicinae* 1, fen 3, doct. 1, dict. 3, cap. 4, 170.

⁵⁴ Egineta comungava desta ideia. Segundo o autor, os mestres *blandi humanique* proporcionariam um ambiente de aprendizagem mais descontraído e alegre, promovendo a serenidade mental dos seus alunos, que muito contribuiria para a boa nutrição do corpo.

o desenvolvimento saudável e harmonioso do corpo. Por isso era tão importante consagrar grande parte do dia aos jogos, em vez de o preencher com outro tipo de atividades⁵⁵.

Chegados à adolescência, os jovens deveriam ser levados a alargar e aprofundar os seus estudos. Afirma, a este respeito, Rodrigo de Castro:

*Duodecimo altioribus disciplinis imbuendi iam sunt. Ad uigesimum usque mathematicis et philosophiae studiis exornandi*⁵⁶.

A partir dos doze, devem ser instruídos em disciplinas mais elevadas. Até aos vinte, devem ser preparados no estudo das ciências e da filosofia.

As palavras do médico português refletem o pensamento de autores mais antigos nesta matéria. O plano educativo minuciosamente traçado por Ateneu de Atalia⁵⁷ previa que as crianças de doze anos exercitassem a mente, frequentando aulas de gramática e geometria, mas também o corpo. Os preceptores e vigilantes destes jovens teriam de ser pessoas razoáveis e não totalmente desprovidas de experiência, a fim de conhecerem a medida e o tempo apropriados para os alimentos, os exercícios, os banhos, o descanso e outros detalhes do regime. A partir dos catorze anos, e até aos vinte e um, os jovens deveriam cultivar e aprender com maior profundidade as ciências, escutar as doutrinas filosóficas, memorizá-las e repetir o que fora memorizado com muita atenção. Igualmente útil seria conhecer e escutar ensinamentos de medicina, a fim de que pudessem vir a ser, para si próprios, bons conselheiros em questões de saúde.

Séculos depois, Aécio⁵⁸ sugeriria, tal como Ateneu, o treino na argumentação filosófica entre os catorze e os vinte e cinco anos, ao passo que Egineta⁵⁹ preconizaria a frequência de aulas de gramática e geometria e a prática física a partir dos doze; o estudo das ciências e da filosofia entre os catorze e os vinte e um.

⁵⁵ Na mesma linha de pensamento, Avicena defendia que as crianças deveriam ser disciplinadas aos poucos, ao invés de serem obrigadas a dedicar demasiado tempo às tarefas escolares (*Canon medicinae* 1, fen 3, doct. 1, dict. 3, cap. 4, 170).

⁵⁶ *De uniuersa*, loc. cit.

⁵⁷ *Apud Orib. Inc.* 21 (DAR. 3, 163-164).

⁵⁸ *Libri sexdecim* 4.30, 141.

⁵⁹ *De re medica* 1.14, 9.

Tão importante quanto a ocupação da mente era a exercitação do corpo. Segundo Rodrigo de Castro, esta poderia ser usada para refrear os ímpetos de Vénus típicos da adolescência:

*Deinde grauiora exercitia imperanda, ut otio carentes a Veneris stimulis coercantur, quibus ea aetas tentari plurimum solet, ideo in ea potissimum corycaeis et inspectoribus indigent, nec sine paedagogis, si fieri possit, a parentibus ablegentur*⁶⁰.

Depois, devem ser-lhes exigidas atividades mais árduas, a fim de, carentes de descanso, renunciarem às incitações de Vénus, com as quais esta faixa etária costuma ser fortemente tentada; em oposição a estas, portanto, precisam, sobretudo, de salas destinadas à prática de coricomaquia⁶¹ e de quem os vigie, além disso, na ausência de pedagogos, não devem, se possível, ser mantidos longe dos pais.

A ideia de que a prática de exercício mais exigente permitiria controlar os impulsos sexuais próprios da adolescência vinha sendo defendida há vários séculos. De acordo com o testemunho de Ateneu, o corpo humano, nesta fase da vida, teria alcançado a robustez, e o desejo sexual tornara-se mais intenso. A exercitação mais vigorosa e frequente conduziria à fadiga quer da mente quer do corpo, impedindo, desse modo, que a libido se apoderasse de ambos. Na opinião do autor, nada seria mais impeditivo do desenvolvimento são da mente e do corpo do que a prática excessiva e prematura de relações sexuais⁶².

Na mesma linha de pensamento, Aécio⁶³ e Egineta⁶⁴ perspetivavam a prática intensa de exercício físico como um meio eficaz para inibir o apetite libidinoso dos adolescentes.

Além da atividade sexual, desaconselhava-se o consumo de vinho. Rodrigo de Castro, apoiado na autoridade de Platão e Galeno, advertia para os perigos de permitir aos jovens a sua ingestão:

⁶⁰ *De uniuersa*, loc. cit.

⁶¹ Na Antiguidade, o *corycaeum* correspondia a uma divisão do ginásio destinado à prática da *corycobolia*, uma espécie de pugilismo ou jogo que consistia em bater num grande saco cheio de areia, farelo ou sementes (o *corycus*) que pendia do teto do *corycaeum*. Com golpes de punho, os jogadores faziam-no balançar para a frente e para trás; quando em pleno movimento, paravam-no com as mãos, as costas ou o peito. O exercício também se chamava *corycomachia*.

⁶² *Apud Orib. Inc.* 21 (DAR. 3, 164-165).

⁶³ *Libri sexdecim* 4.30, 141.

⁶⁴ *De re medica* 1.14, 9.

Vini etiam usus per totam pueritiam et adolescentiam interdicendus, nam ut Plato et Galenus praecipiunt, praeterquam quod sit ignem addere igni, caput etiam halitibus replet⁶⁵.

Também o uso de vinho deve ser proibido durante toda a puerícia e adolescência. Com efeito, tal como preceituam Platão e Galeno, além de ser o mesmo que acrescentar fogo ao fogo, também enche a cabeça de vapores.

O princípio de que a ingestão de vinho era prejudicial aos mais jovens não constituía, portanto, uma novidade. Platão defendera no diálogo *Timeu*⁶⁶ que o vinho aquecia a alma e o corpo e, no segundo livro de *Leis*⁶⁷, que o seu consumo deveria ser proibido até aos dezoito anos de idade. Mais tarde, Galeno, recuperando especificamente o segundo passo do filósofo grego, repetiria a ideia de que talvez devesse ser estabelecido por lei que os jovens menores de dezoito anos não poderiam beber vinho, ensinando-lhes que não deveriam acrescentar fogo ao fogo do corpo e da alma, e que, depois dessa idade, e até aos trinta anos, o poderiam consumir moderadamente. De acordo com o médico, a juventude deveria, pois, evitar a embriaguez e o consumo desregado de vinho. O calor excessivo, no sentido humoral, provocado pela ingestão daquela bebida era o mesmo calor que explicava a insolência e a insânia da juventude⁶⁸.

Com efeito, de acordo com a teoria hipocrático-galénica dos humores, o vinho, por ser de qualidade húmida e quente, intensificava o temperamento igualmente húmido e quente dos mais jovens, aquecendo em demasia o corpo e enchendo a cabeça de vapores. O excesso era sinónimo de desequilíbrio, e o dano recairia não apenas sobre o corpo, mas também sobre a mente. Mesmo quando bebido por adultos, o vinho, em especial o tinto, se não fosse consumido com moderação, torná-los-ia propensos à ira e à insolência, tolhando-lhes a mente⁶⁹.

⁶⁵ *De uniuersa*, loc. cit.

⁶⁶ *Ti.* 60a.

⁶⁷ *Lg.* 2.666b-c.

⁶⁸ Cf. Gal. *Quod animi mores corporis temperamenta sequantur* 10 (KÜHN 4, 808 sqq.).

⁶⁹ Gal. *De sanitate tuenda* 1.11 (KÜHN 6, 54 sq.); cf. apud Orib. *Inc.* 17 (DAR. 3, 140-141). O tema era, no entanto, controverso. Rufo de Éfeso defendia o contrário de Platão e Galeno: nos primeiros meses de vida, o vinho era preferível à água; não se tratava de acrescentar fogo ao fogo, mas calor ao frio. Segundo o autor, a criança precisava de um

Antes de Galeno, também Ateneu de Atalia havia desaconselhado vivamente o consumo de vinho, porquanto estimulava a adoção de comportamentos desregrados⁷⁰. Já no século VI, Aécio, numa clara alusão à teoria humoral, e em termos muito semelhantes aos usados por Galeno, defenderia que a toma de vinho tinha um efeito especialmente nocivo em corpos de compleição húmida e quente, como os das crianças, porque o vinho enchia as suas cabeças de vapores; a abstinência deveria prolongar-se pela adolescência⁷¹. Egineta, mais lacónico e menos radical, sugeriria apenas que a toma de vinho fosse controlada, enquanto Avicena, não obstante preconizasse no *Canon medicinae* a abstinência durante a puerícia por causa das qualidades humorais da bebida, admitiria o seu consumo na adolescência, contanto que moderado⁷².

Depois de refletir sobre os efeitos nocivos do vinho na juventude, Rodrigo de Castro faz um diagnóstico muito crítico da sociedade coeva:

*Quare nil mirum, si hoc aeui, ut sunt corruptissimi instituentium mores, puerorum ingenia aspera, indomita, refractaria, superbaque plerumque cernamus, dum uino oppressi ac in mollitiem et luxuriam soluti pueri et adolescentes insaniunt, et hebetiores fiunt, pudorem, obseruantiam et officium posthabentes*⁷³.

Por isso, nesta época em que os costumes das instituições são tão corruptos, não admira que tantas vezes testemunhemos o temperamento impertinente, desenfreado, rebelde e arrogante das crianças; subjugados pelo vinho e entregues à indolência e à luxúria, as crianças e os adolescentes perdem o discernimento e tornam-se mais rudes, não dando a devida importância ao pudor, à obediência e ao dever.

As causas aqui apontadas do comportamento desregrado da juventude — o consumo de vinho, a ociosidade e a luxúria — já haviam sido identificadas por outros autores médicos, pelo que o traço mais original da reflexão

regime alimentar mais quente nesta fase, porque o calor fornecido pelos alimentos era fundamental para ganhar força e tónus muscular (apud Orib. *Inc.* 20 (DAR. 3, 158-159)). Sobre o uso controverso do vinho na infância, vide ADAMSON (2004).

⁷⁰ Apud Orib. *Inc.* 21 (DAR. 3, 164-165).

⁷¹ Às crianças devia, no entanto, ser permitido beber água fria e de boa qualidade entre as refeições e nos momentos mais quentes do dia: *Libri sexdecim* 4.30, 140-141.

⁷² Recorrendo à imagem usada por Platão e recuperada por Galeno, o médico considerava que oferecer vinho aos *pueri* seria o mesmo que *ignem igni addere in lignis debilibus*: *Canon medicinae* 1, fen 3, doct. 2, dict. 3, cap. 8, 181. Cf. 1, fen 3, doct. 1, dict. 3, cap. 4, 170.

⁷³ *De uniuersa*, 1.4.13, 225-226.

do médico lusitano em torno da importância da educação enquanto meio de transmissão de atitudes e valores será, a nosso ver, a assunção do total descrito nas *institutiones* e da existência de uma crise de valores entre a juventude coeva. Defensor acérrimo do rigor e da exigência das instituições⁷⁴, Castro mostra-se apreensivo com o presente e o futuro dos mais jovens. Ao mesmo tempo que lhes aponta os vícios da intemperança, da petulância, da volúpia, da paixão do vinho e da embriaguez, chama a atenção para a necessidade de os educadores incutirem neles, desde cedo, qualidades humanas e morais fundamentais, como a continência de boca, a disciplina do corpo, a moderação do prazer, a sobriedade, a mansidão, a modéstia e a humildade. Não surpreende, pois, que o cultivo destas e de outras virtudes viesse, anos depois, a ser considerado indispensável para o bom exercício da arte curativa⁷⁵.

À guisa de conclusão, diremos que o cotejo do testemunho de Castro com textos anteriores demonstra que o tópico da *educatio* de crianças e adolescentes fora já amplamente discutido na Antiguidade e amiúde glosado por enciclopedistas bizantinos e médicos medievais. A análise permitiu-nos identificar as fontes a que o médico luso foi beber informação. Entre os autores da Antiguidade aqui evocados, Galeno será certamente o que mais influenciou a reflexão de Castro⁷⁶. A atestá-lo estão não apenas a adoção do pensamento galénico sobre os efeitos nefastos do vinho na juventude, mas, também, a referência à *auctoritas* de Platão, já que o próprio médico de Pérgamo o havia

⁷⁴ De notar que no *Medicus Politicus* (3.23), livro de ética médica que haveria de ser publicado em Hamburgo uma década depois (1614), o autor defende a escola médica de Salamanca como uma instituição universitária à escala europeia capaz de garantir a preparação dos melhores médicos, em virtude dos procedimentos exigentes e rigorosos aí adotados no que respeita aos estudos e aos exames, e que muito contrastavam com os atos corruptos e fraudulentos praticados noutras universidades, cuja identidade não chega a revelar (ARRIZABALAGA 2009, 120; 122-123).

⁷⁵ No *Medicus Politicus*, considerado por muitos um código deontológico do médico (cf. e.g. DIAS (1971) 23), Castro reflete sobre os vícios que um bom médico deveria evitar (3.1-2), para, logo depois, referir as virtudes que conviria cultivar (3.3).

⁷⁶ Segundo o tratadista, a biblioteca de um médico deveria incluir autores gregos, latinos e árabes; os primeiros são “os pais de toda a medicina que entre nós se pratica”. Não obstante “o grande Hipócrates” ser “verdadeiramente o pai supremo da medicina”, é a partir da obra de Galeno, acrescenta, que se pode obter “um justo conhecimento da medicina” (*Med. Pol.* 2.9). Seguimos a tradução de DIAS (2011) 112.

citado no seu texto. As informações colhidas ao longo deste estudo parecem, ademais, apontar para que o iátrico tenha seguido, como fonte intermédia, Paulo Egineta, quer porque o cita diretamente no início da sua reflexão, quer, sobretudo, porque as diferentes etapas de desenvolvimento estabelecidas, os princípios preconizados para cada uma delas e o vocabulário usado na sua descrição são muito semelhantes aos adotados pelo enciclopedista bizantino⁷⁷. Embora de forma menos evidente, o testemunho de Castro parece revelar, ainda, a influência de Aécio, na medida em que ambos os autores recomendam — em termos diversos, é certo — a adoção, desde cedo, em prol da saúde, de hábitos regrados⁷⁸.

O estudo comparativo dos textos poderia levar-nos a considerar que o médico português, ao reproduzir, de forma mais ou menos literal, o pensamento alheio, pouco veio acrescentar à tradição. Importa, contudo, ressaltar que a integração de elementos herdados de autores anteriores em nada reduz o valor documental do seu testemunho. Muito pelo contrário, se, por um lado, revela que Castro foi um homem do seu tempo, na medida em que o regresso às fontes e a reprodução mais ou menos literal do pensamento antigo era prática reiterada entre os autores do Renascimento, demonstra, por outro, que os princípios preconizados ao longo de mais de dois mil anos no que à *educatio* de *pueri* e *adolescentes* diz respeito pouco ou nada variaram.

⁷⁷ As semelhanças entre os dois autores são evidentes, basta que leiamos o texto de Egineta (*De re medica* 1.14, 9): *Posteaquam lacte nutriri infantes desierint, liberiore eis modo et suo ingenio hilariter uiuere permittemus: exercitia autem et alimenta leuiora praescribentur. Ab anno sexto et septimo, tum pueri, tum puellae, litteratoribus blandis humanisque tradentur. Tales enim cum animi remissione et gratia docent. Animi autem remissio ad probam corporis educationem plurimum adfert momenti. Duodecimum annum egressi, ad grammaticos iam et geometras mittendi sunt, corpusque eorum exercere oportet. A quartodecimo usque ad primum et uigesimum, mathematicis disciplinis et sapientiae studio incumbent: exercitiis pluribus propter corporis robur credentur, ut et animo et corpore laborantes, a libidinis impetu coerceantur. His etiam uinum circumcidendum est.*

⁷⁸ Cf. *Libri sexdecim* 4.30, 141: *Multi enim malis moribus educati, intemperantia, et licentia ducti, bonas corrumpunt naturas, sicut rursus nonnulli uitioso corpore nati, prudentiori uita opportunisque exercitiis multa refecerunt quae natura deliquerat.*

Bibliografia

- ADAMSON, M. W. (2004), "Infants and wine: Medieval medical views on the controversial issue of wine as baby-food": *Medium Aevum Quotidianum* 50 (2004) 13-21.
- ARRIZABALAGA, J. (2009), "Medical Ideals in the Sephardic Diaspora: Rodrigo de Castro's Portrait of the Perfect Physician in Early Seventeenth-Century Hamburg": T. HUGUET-TERMES, J. ARRIZABALAGA & H. J. COOK (eds.), *Health and Medicine in Hapsburg Spain: Agents, Practices, Representations, Medical History*. London, Wellcome Trust, 107-124.
- DANSEN, V. (2010), "Des nourrices grecques à Rome?": *Paedagogica Historica: International Journal of the History of Education* 46(6) (2010) 699-713.
- DIAS, J. L. (1971), "Médecins Portugais de la Renaissance en Europe": Estudos de Castelo Branco. Revista de História e Cultura 35 (1971) 5-35.
- FLANDRIN, J.-L. & Montanari, M. (1996), *Histoire de L'Alimentation*. Paris, Librairie Arthème Fayard.
- GARRISON, F. H. (1965), *History of Pediatrics*. Philadelphia, Saunders.
- GENTILCORE, D. (2016), *Food and Health in Early Modern Europe. Diet, Medicine and Society, 1450-1800*. London, Bloomsbury.
- LEMONS, M. (1909), *Zacuto Lusitano: a sua vida e a sua obra*. Porto, E. Tavares Martins.
- OLIVEIRA, E. M. R. de (2020), "Qualis sit nutrix eligenda: a ama de leite no *De universa mulierum medicina* de Rodrigo de Castro": *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 22 (2020) 43-58.
- PANCINO, C. (2013), "Introduzione. Medicina delle donne, medicina per le donne dall'età moderna all'Ottocento": L. GUIDI, & M. R. PELIZZARI (a cura di), *Nuove frontiere per la storia di genere*, vol. III. Padova, Webster Press.
- PANCINO, C. (2017), "The medical gaze on early childhood between the 16th and 18th centuries": *Histoire culturelle de l'Europe (Regards portés sur la petite enfance en Europe (Moyen Âge-XVIII^e siècle))* 2 (2017). Retirado de <http://www.unicaen.fr/mrsh/hce/index.php?id=611>
- PINHEIRO, C. S. (2017), "The Ancient Medical Sources in the Chapter about Sterility of Rodrigo de Castro's *De universa mulierum medicina*": G. DAVIS & T. LOUGHRAN (eds.) (2017), *The Palgrave Handbook of Infertility in History: Approaches, Contexts and Perspectives*. London, Palgrave Macmillan, 291-310.

Edições e traduções

- AÉCIO DE AMIDA (1534), *Aetii Amideni medici clarissimi Libri sexdecim nunc primum latinitate donati, in quibus cuncta quae ad artem curandi pertinente sunt congesta: ex omnibus qui usque ad eius tempora scripserant diligentissime excerpta...* Veneza, Lucantonio Giunta.
- AVICENA (1595), *Auicennae arabum medicorum principis. Ex Gerardi Cremonensis uersione, et Andreae Alpagi Bellunensis castigatione...* Veneza, Lucantonio Giunta.
- BUSSEMAKER U. C. & DAREMBERG, C. (eds.) (1858), *Ouvres d'Oribase, texte grec, em grande partie inédit, collationné sur les manuscrits, traduit pour la première fois en français...* (t. 3). Paris, L'Imprimerie Impériale.
- CASTRO, R. de (1617), *Roderici a Castro Lusitani, Philosophiae ac Medicinae Doctoris, per Europam notissimi, De uniuersa muliebrium morborum medicina nouo et antehac a nemine tentato ordine opus absoltissimum; et studiosus omnibus utile, medicis uero pernecessarium (Pars prima Theorica)*. Hamburgo, Johann Froben.
- CASTRO, R. de (1617), *Roderici a Castro Lusitani, Philosophiae ac Medicinae Doctoris, per Europam notissimi, De uniuersa muliebrium morborum medicina (Pars secunda, siue Praxis)*. Hamburgo, Johann Froben.
- EGINETA, P. (1532), *Pauli Aeginetae Opus de re medica, nunc primum integrum latinitate donatum per Ioannem Guinterium Andernacum, doctorem medicum*. Paris, Simon de Colines.
- EGINETA, P. (2011), *O Médico Político ou tratado sobre os deveres médico-políticos* (tradução de D. L. DIAS, revisão científica de A. CARDOSO e apresentação de D. GRACIA). Lisboa, Edições Colibri.
- KÜHN, C. G. (ed.) (1821-1833), *Claudii Galeni Opera Omnia* (vols. 1-20), Leipzig, Carl Cnobloch.
- PLATÃO (1925), *Platon. Timée* (texte établi et traduit par ALBERT RIVAUD). Paris, Les Belles Lettres.
- PLATÃO (1976), *Platon. Les Lois* (texte établi et traduit par EDOUARD DES PLACES). Paris, Les Belles Lettres.
- PLUTARCO (2008), *Plutarco. Obra Morais. Sobre a Educação das Crianças* (tradução do grego, introdução e notas de J. PINHEIRO). Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos/Imprensa da Universidade de Coimbra.
- SORANO DE ÉFESO (2003), *Soranos d'Éphèse. Maladies des Femmes II* (texte établi, traduit et commenté par P. BURGUERE, D. GOUREVITCH & Y. MALINAS). Paris, Les Belles Lettres.

* * * * *

Resumo: A discussão sobre os cuidados a ter com a alimentação e a educação física, intelectual e moral de crianças e adolescentes atravessou a Antiguidade, a Idade Média e o Renascimento. Tópico não raras vezes desenvolvido por tratadistas e enciclopedistas médicos, a *educatio* pueril e juvenil suscitou o interesse do iátrico luso Rodrigo de Castro (c.1546-1627/29?), que lhe dedicou o final da Primeira Parte do tratado *De uniursa mulierum medicina*. Partindo do cotejo deste texto com escritos médicos anteriores, procuraremos reconstituir o regime preconizado para crianças e adolescentes ao longo dos vinte séculos que separam Mnesiteu de Atenas (séc. IV a.C.) e Castro, bem como refletir sobre o modo como o tratadista português incorporou no seu próprio discurso os elementos herdados da tradição antiga e medieval.

Palavras-chave: Rodrigo de Castro; *De uniursa mulierum*; *educatio*.

Resumen: La discusión sobre los cuidados que se deben tener en la alimentación y en la educación física, intelectual y moral de los niños traspasó la Antigüedad, la Edad Media y el Renacimiento. Tópico desarrollado en no pocas ocasiones por tratadistas y enciclopedistas médicos, la *educatio* infantil y juvenil suscitó el interés del médico portugués Rodrigo de Castro (c.1546-1627/29?), que le dedicó el final de la Primera Parte del tratado *De uniursa mulierum medicina*. Partiendo del cotejo de este texto con escritos médicos anteriores, intentaremos reconstruir el régimen propuesto para niños y adolescentes a lo largo de los veinte siglos que median entre Mnesiteu de Atenas (s. IV a. C.) y Castro, así como reflexionar sobre el modo como el tratadista luso incorporó en su propio discurso los elementos heredados de la tradición antigua y medieval.

Palabras clave: Rodrigo de Castro; *De uniursa mulierum*; *educatio*.

Résumé : La discussion sur les soins à apporter à l'alimentation et à l'éducation physique, intellectuelle et morale des enfants et des adolescents traversa l'Antiquité, le Moyen Âge et la Renaissance. Sujet souvent développé par des rédacteurs et des encyclopédistes médicaux, l'*educativo* puérile et juvénile suscite l'intérêt du iatrique portugais Rodrigo de Castro (c.1546-1627/29?), qui lui consacre la fin de la Première Partie du traité *De uniursa mulierum medicina*. En partant de la comparaison de ce texte avec des écrits médicaux antérieurs, nous chercherons à reconstituer le régime préconisé pour les enfants et les adolescents au long des vingt siècles qui séparent Mnesiteus d'Athènes (IV^{ème} siècle av. J.C.) et Castro et à réfléchir sur la façon dont le rédacteur portugais incorpora dans son propre discours les éléments hérités de la tradition antique et médiévale.

Mots-clés : Rodrigo de Castro ; *De uniursa mulierum*; *educatio*.